

A HISTÓRIA EM NIETZSCHE: UM TEATRO A SER RECOMPOSTO¹

ANDRÉA PACHECO DE MESQUITA²

Introdução

O texto aqui desenvolvido tem como objetivo analisar o conceito de história no pensamento de Nietzsche a partir de jogos de forças que se consubstanciam nos acontecimentos. Para tal, faz-se necessário selecionar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. É que para Nietzsche não existem fatos cristalizados, mas interpretações. Isso possibilita ao homem descobrir novos sentidos para a vida, tornando-o supra-histórico. Desta forma a história deve ser reinventada. Isso só poderá ser feito através da genealogia que desvela os lugares clandestinos, não-ditos e personagens que apesar do anonimato, construíram a história.

Sobre o conceito de História: reconstruindo os cenários

Para Nietzsche a história não pode ser vista de forma linear ou evolucionista, como se o futuro fosse algo ou um bem que caminhasse a partir de estruturas lógicas articuladas entre passado e presente. Para o referido autor, esta é uma perspectiva míope que acomoda e castra os homens, bem como sua vontade de potência³. É visando exprimir sua paixões que o homem pode sobreviver e lançar suas pontes, pois através da razão, da moral e da religião o homem é domesticado e, conseqüentemente, perde os seus instintos.

¹ Este texto faz parte de uma sistematização dos estudos realizados nas disciplinas Correntes Filosóficas e nos Estudos Orientados sobre Memória.

² Bacharel em serviço social pela Universidade Estadual do Ceará e aluna do mestrado de educação brasileira pela Universidade Federal do Ceará.

³ A vontade de Potência é a autonomia que deve ser buscada, mesmo que para alcançá-la o homem deva matar o deus, ou seja, destruir as verdades prontas e acabadas que vem no sentido de acorrenta-lo ao passado na espera de um presente e de um futuro prometidos a partir de sua linha evolucionista. Diz ele, "*onde encontrei vida, ali encontrei vontade de Potência; e até mesmo na vontade daquele que serve encontrei vontade de ser senhor.*" Assim o homem seria senhor de seus desejos. Continua, "*soamente, onde há vida, há também vontade de vida, e sim - assim vos ensino - Vontade de Potência!*" (NIETZSCHE: 238)

E assim foi construída a nossa história a partir dos interesses dos nobres e poderosos. De acordo com a utilidade, com as vantagens e desvantagens que poderia acarretar na utilização dos conceitos, vão determinado sua origem e seu juízo. De acordo com Nietzsche o conceito de “bom” é criado pela nobreza para dominar, pois relaciona bom ao indivíduo submisso, adestrado que reclama a compaixão. O nobre, ao contrário, representa uma autodeterminação de superioridade, de divindade pois trazem para si o direito de criar valores e de cunhar nomes dos valores.

(...) o direito dos senhores, de dar nomes, vai tão longe, que se poderia permitir-se captar a origem da linguagem mesma como exteriorização de potência dos dominantes: eles dizem, “isto é isto e isto”, eles selam cada coisa e acontecimento como um som e, como que tomam posse dele. (NIETZSCHE: 1983: 300)

A tese principal de Nietzsche é a negação de uma verdade absoluta. Para o referido autor existem várias origens para os valores morais. Por isso é necessário desacreditar o dito e a unicidade da verdade. Para melhor compreender a construção da moral ao longo da história Machado coloca em seu livro **Nietzsche e a Verdade**, que existem dois tipos de moral:

*... uma “moral dos mestres” e uma “moral dos escravos”, ou, para usar as expressões do **Crepúsculo dos Ídolos**, uma “moral sadia”, natural, regida pelos instintos de vida e uma “moral contranatural” voltada contra os instintos de vida. Dois tipos de moral, afirma Nietzsche, mas que na realidade são totalmente heterogêneas, nada têm em comum, implicam uma diferença de níveis, uma hierarquia, mesmo que, como tipos, existam em uma mesma sociedade e até em um mesmo indivíduo. Em outros termos, a “moral dos mestres”, a “moral sadia”, mais propriamente do que uma moral, é uma “ética”. (1999: 61)*

Para Nietzsche a construção da moral está diretamente relacionada à potência do homem e, ao mesmo tempo, ao que ele pode é capaz de realizar. Desta forma a “moral dos nobres” atua como se fosse um princípio eterno ou uma ética do bem e do mal que foi transformada em valores imanentes e incontestáveis.

A imagem do passado é transformada em algo absoluto pela história, por isso o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. O mesmo ocorre com a imagem de felicidade que está indissolivelmente ligada à salvação. Para Nietzsche, ao contrário, a felicidade está diretamente relacionada ao poder do esquecimento:

(...)Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter sobre um ponto como uma deusa da vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes. (NIETZSCHE:58)

O homem sem a sua faculdade de esquecer estaria condenado a ser um eterno vir-a-ser, pois não acreditaria mais em si e passaria a ver tudo a partir de um sentido histórico, o que levaria um indivíduo, um povo ou uma civilização inteira à ruína. Este homem ressentido sobreviveria exclusivamente da ruminação transformando o seu presente e seu futuro numa repetição das desgraças do passado. Vejamos a seguinte passagem do livro **Considerações Extemporâneas**,

O homem do ressentimento não é nem fraco nem ingênuo, nem mesmo honesto e direto consigo mesmo. Sua alma se enviesa; seu espírito gosta de escaninhos, vias dissimuladas e portas dos fundos, tudo o que é escondido lhe apraz como seu mundo, sua segurança, seu refrigerio; ele entende de calar, de não esquecer, de esperar, de provisoriamente apeguar-se, humilhar-se. (NIETZSCHE: 1983:302)

O homem do ressentimento vive a sua desgraça, justificada pelo mundo ao seu redor. A sua vida é movida pela busca de culpados pelas desgraças vividas no passado por ele ou por seus ancestrais - o que acaba por estagná-lo no tempo e num passado sofrido.

A história ensina sempre a acreditar que o estado de origem é o estado de perfeição, da verdade absoluta, como mostra Foucault nos seus estudos sobre a genealogia,

...gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontram em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra de primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está ao lado dos deuses... (1979:18)

A verdade não está em disputa com a falsidade. Ela está relacionada ao ideal de verdade, ao valor que lhe é atribuído em cada tempo. O que caracteriza a concepção nietzschiana é o sentido de relação, é o ambiente de redes, é a sintonia com outros fenômenos que lhe servem de motivação direta ou indireta. Vejamos o que é colocado em **Além do Bem e do Mal**,

Seja qual for o valor que se venha atribuir à vontade, à veracidade ou ao desinteresse, pode ser que se deva dar à aparên-

cia, à vontade de enganar, ao egoísmo a aos apetites em valor mais alto e mais fundamental para qualquer vida.(...) devamos, no entanto, acreditar na verdade deles como uma fé que se contenta com a fachada e a aparência, uma crença que pertence à ótica da vida e à sua perspectiva.

Assim, para que a história não seja contada de forma atrelada a uma moral constituída pelos “nobres”, a idéia nietzschiana é ir além do bem e do mal, é ultrapassar as fronteiras das verdades estabelecidas. É preciso dar asas ao homem para que ele resgate os seus instintos, paixões, vontades e desejos, ou seja, como é designado no **Assim falou Zaratustra**, como *vontade de potência*.

O homem supra-histórico: a criança que entra em cena

Para ele, existem dois tipos de homens: o homem histórico, preso ao passado com o sonho de um futuro já delineado, o qual submete a história a uma suposta racionalidade; e o homem supra-histórico, que nunca estiveram de acordo entre si, pois para ele a história é cheia de signos, de códigos que precisam ser compreendidos.

O homem ressentido é o homem histórico que de olho no passado não consegue viver o presente e caminhar para o futuro, tornando-se uma pessoa presa aos acontecimentos do passado. E o pensador supra histórico *ilumina toda a história dos povos e dos indivíduos de dentro para fora, adivinhando com clarividência o sentido primordial dos diferentes hieróglifos e pouco a pouco afastando-se, cansado, até mesmo da escrita de signos que continua a jorrar sempre nova: pois como, na infinita profusão do acontecimento, não chegaria ele à saciedade, à saturação, e mesmo ao nojo!...* (NIETZSCHE:59)

O homem moderno é o homem histórico que vê a história como algo já contado, linear e, por isso, não desperta o desejo de saber, a ânsia do conhecer e desvendar. Como podemos observar nesta passagem da obra **Considerações Extemporâneas**:

O homem moderno acaba por arrastar consigo, por toda parte, uma quantidade descomunal de indigestas pedras de saber, que ainda, ocasionalmente, roncam na barriga, como diz no conto. Com esses roncões denuncia-se a propriedade mais própria desse homem moderno: a notável oposição entre um mundo exterior, a que não corresponde nenhum interior, oposição que os povos antigos colhem. O saber, que é absorvido em desmedida sem fome, e mesmo contra a necessidade, já não atua mais como motivo transformador, que impele para fora, e

permanece escondido em um certo mundo interior caótico, que esse homem moderno, com curioso orgulho, designa como a "interioridade" que lhe é própria.

Para Nietzsche, o homem pode ser supra-histórico. Nesse caso, não pode pensar no futuro unicamente a partir do passado. Ele tem que romper as normas e valores e correr riscos. Não pode simplesmente repetir o instituído, esperando que a idéia sucessível da história se realize. Ele tem que viver suas paixões, revisitar o passado para compreender a história e não ficar preso a história oficial que em nome de um seletor da história, ou seja, um recorte de um determinado momento histórico, deixa uma imensidão de fatos, que não são colocados á tona e por isso não existem. O homem tem que compreender que,

o passado e o presente são um e o mesmo, ou seja, em toda diversidade são tipicamente iguais e, como onipresença de tipos imperecíveis, uma formação estável de valor inalterado e significação eternamente igual.

Para se chegar ao homem supra-histórico o ser humano precisa passar por três transmutações onde o espírito se torna camelo, que se transforma em leão e depois em criança. A idéia colocada é que o camelo representa o sobrevivente, o piedoso, sempre esperando a carga para carregá-la para o deserto - o que possibilita correr para o seu deserto. *"mas no mais solitário deserto ocorre a Segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade que ele quer conquista, e ser senhor de seu próprio deserto"*. Mas, criar novos valores - disso nem o leão é capaz: mas criar a liberdade para nova criação - disso é capaz a potência do leão". A criança seria o estado de ruptura, de transvaloração, onde a ingenuidade, o esquecimento, o começar-de-novo estaria em constante evidência. Como pode ser observado nesta passagem do **Assim falou Zaratustra**,

Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim. Sim, para o jogo do criar, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: sua vontade quer agora o espírito, seu mundo ganha para si o perdido do mundo.
(NIETZSCHE: 230)

Neste sentido Nietzsche faz a sua crítica aos historiadores que se apropriam da história. Para ele a história tem sempre uma verdade, mas múltipla em dizeres e reconstruções, um caminho a ser percorrido, uma ponte a ser ligada, uma cena a ser refeita, um teatro a ser recomposto. Atores, cenas, verdadeiras "novelas", mas reais, coisas que aconteceram. O pensamento cami-

na no sentido de que uma cena pode ser contada diversas vezes diferentes por diversas pessoas que a presenciaram, assim como, uma só pessoa poderá contar a mesma cena de diferentes formas, cada vez que ela for lembrando. Ao reconstruir o acontecimento através da memória poderá vir a tona fatos antes esquecido, detalhes não percebidos, ou fatos que por forças de interesses não tinham significados ou não deviam significar.

Todo respeito, pois, pelos bons espíritos que possam reinar nesses historiadores da moral! Mas o que é certo, infelizmente, é que o próprio espírito histórico lhes falta (...). A incompetência de sua genealogia da moral vem à luz logo no início, quando se trata de averiguar a proveniência do conceito e juízo "bom".

É neste sentido que se funda a idéia de que os conceitos produzidos não são e nem devem ser considerados eternos, pois são frutos de momentos de disputa, consequentemente estão expostos para serem revisitados, reconstruídos, reelaborados visto que são fruto de relações de força e de poder que se constituem história. A crítica vai no sentido de que não se pode ter como única e exclusiva verdade, como tenta fazer a história oficial, pois ela é resultante de interesses de um escrevente "privilegiado". Esta idéia pode ser reforçada a partir do seguinte trecho de Foucault,

... o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto (1986, p.25).

O que Nietzsche apresenta na sua proposta da genealogia é a reconstrução, é a busca de outros caminhos nunca antes percorridos, pois para ele não existem fatos cristalizados, existem interpretações, leituras, formas de apreender os acontecimentos. E para apreender esses acontecimentos a memória é o elemento fundamental pois ela é inesgotável, cada visita aos acontecimentos anuncia um novo saber que fora desapercibido. A saber,

O saber histórico jorra de fontes inexauríveis; sempre de novo e cada vez mais; o que é estrangeiro e desconexo entre si se aglomera; a memória abre todas as portas e no entanto ainda não está suficientemente aberta; a natureza se esforça ao extremo para acolher esse hóspede estrangeiro, ordená-los e honrá-los, mas estes mesmos estão em combate entre si, e parece necessário dominar e vencer todos eles, para não perecer, ele mesmo, nesse combate entre eles (NIETZSCHE:62).

A genealogia: o passaporte de visita à História

O projeto genealógico parte de que o conceito de verdade nasce no bojo da moral, e que não se pode fugir da moral sem tirar as amarras da vontade de verdade. Neste sentido, a genealogia é a pesquisa sobre o valor da verdade, é a tentativa de superar a metafísica a partir de uma história descontínua dos valores morais que busca tanto a origem - compreendida como nascimento, como invenção - quanto o valor atribuído a esses valores. O que demarca bastante esta perspectiva é a desconstrução dos conceitos eternos, é a descrença em valores eternos.

Para Nietzsche a genealogia é o portal para se compreender a história pois só através dela é possível revisitar os fatos e perceber para além do que é repassado pela história oficial, contada nos livros. Para ele essa história se contrapõe a história dos grandes homens, da única verdade. Pois bem coloca,

... a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes rescritos. (FOUCAULT, 1979: 15)

A grande crítica está no fato de que a “coisa” se liga ao discurso e assim se torna verdade, ou seja, a verdade está no discurso que é falado, que é repassado. A genealogia caminha exatamente no seu contrário pois ela propõe vasculhar as minúcias dos acontecimentos e dos não-acontecimentos.

A genealogia não se opõe a história com a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar toupeira do cientista; ele se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe a pesquisa da origem. (FOUCAULT, 1979 :16)

A proposta do genealogista é ter o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, pois só assim poderá apreender o fato de forma como ele aconteceu em movimento, com os seus acasos. Apreender a “coisa” como uma verdade, é descartar a forma exata como ela aconteceu, as relações que foram estabelecidas, os acasos, os desencontros. Desta forma é impossível procurar a origem das “coisas” como uma imagem, ou melhor como uma fotografia preto e branco do momento exato do acontecimento. Pelo contrário, a proposta é compreender os fatos em movimento, antenado com outros fatos, com outros acontecimento que também estavam em cena. É impossível ler a realidade a partir de uma foto preto e branco, pois não é possível ver a sua relação com a realidade, com outros fatos, o jogo de poder que possibilitou colocar o acontecimento em evidência - tornando-o “história” oficial, real, verdadeira - ou ser esquecido num canto qualquer - resistindo e sobrevivendo apenas na memória dos que viveciam, transitando na contra mão da “história”.

A genealogia se apresenta como um furacão que abala a compreensão de espaço e de tempo, percorrendo as esquinas mal iluminadas do acaso. É a valorização do que foi propositalmente esquecido ou talvez desaparecido diante da diversidade de outros fatos. Para ele somente na genealogia o não-dito poderá dialogar com o discurso oficial, o esquecido ganhará o seu direito a existência e assim poderá contar sua história. Mas do que isso, é neste momento que é possível se escutar as vozes perdidas, tirar as mordanças das bocas dos que tentaram falar, escutar o grito preso de milhares de pessoas que perderam sua identidade, sua história e até mesmo sua vida.

Destarte, Nietzsche propõe a genealogia como forma de compreender os fatos como realmente aconteceram, pois para ele a história é contada por homens que estão embutidos de interesses, de relações de força e de poder. O escrevente "privilegiado" seleciona o que vai por em evidência, o que deverá ser contado, publicado e o resto é deixado de lado, sobrevivendo na memória clandestina dos que viveram mas não tiveram o destaque dos grandes homens. A genealogia possibilita visitar os lugares mais inusitados - que "historicamente" não existiram, mas que antropológicamente e socialmente foram palco de um emaranhado de histórias. Podemos assim, através do processo genealógico, saber o que foi calado, esquecido pela a história oficial, mas que sobrevive até hoje nos circuitos informais; desta forma poderíamos escutar o grito dos negros das senzalas ao ir para o tronco, os gemidos dos torturados nas prisões, os choros dos judeus nos campos de concentrações, o gemido dos gozos dos senhores nos quartos das empregadas. Este é um processo de reconfiguração de rostos esmagados pelo trem da "história", da suprema e absoluta verdade. É neste sentido que Nietzsche fala sobre a emergência dos fatos,

A emergência se produz sempre em um determinado estado de forças. A análise da HERKUNH deve mostra seu jogo, a maneira como eles lutam umas contra as outras, ou seu combate frente as circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem - se dividindo - para escapar da degenerescência e recobrar o rigor a partir de seu próprio enfraquecimento.
(NIETZSCHE:23)

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma verdade, a idéia é compreender outros acontecimento que não foram dito, as falhas, os desvios, os erros - escutar outros heróis que por circunstância foram apagados da história, arrancados seu rosto, sua identidade, sua voz e até mesmo foram mortificados em nome de um outro recorte da história; a genealogia resgata o papel de se compreender a história não contada, porque ela não foi contada, o que tem por traz dos fatos, a quem beneficiou o silêncio de milhares de pessoas, qual o significado do desaparecimento de inúmeros fatos.

Conclusão

O método genealógico em Nietzsche desperta para uma outra forma de ver o passado e construir o presente numa perspectiva de futuro, pois possibilita uma compreensão mais ampliada do conceito de história e de verdade. É neste sentido que a perspectiva Nitzschiana assume um papel fundamental, não de disputa pela verdade mais de apontar os diversos caminhos para fazer uma leitura das várias verdades, das várias histórias, dos vários acontecimentos; para ele, uma verdade não está em contrapartida a outra, mas sim os fatos estão articulados, estão permeados por outros acontecimentos, por acasos inusitados.

A genealogia assume um papel importantíssimo para a reconstrução da história, para que se possa trazer à tona o que não foi dito, tirar do anonimato os inúmeros heróis, violentar os ouvidos dos nobres com seus gritos presos na garganta, violar os códigos estabelecidos no jogo da verdade.

Um ponto importante em Nietzsche é a *autonomia humana*, que ele denomina em **Assim falou Zaratustra**, - "*vontade de potência*", onde ele coloca o homem enquanto construtor de sua realidade, um homem supra-histórico; para ele a efetivação cotidiana dessa autonomia é o pressuposto de sua liberdade; outro aspecto de grande importância nesta mesma obra é o processo de transvaloração. A criança para Nietzsche significa a ingenuidade, o esquecimento, o começar-de-novo que deve estar sempre presente nos indivíduos, é neste momento que o homem torna-se senhor de seu atos, construtor de seus caminhos pois ele desnuda-se das verdades pré-concebidas, dos ressentimentos, da moral dos nobres e passa a definir seus próprios valores, suas próprias normas de conduta, sua própria forma de conhecer a história. Contudo, ele não propõe assimilação de suas idéias de forma subserviente, mas sim que se realize um processo de construção de suas próprias idéias a partir de suas paixões, de seu desejos, de sua vontade de potência.

Enfim, a genealogia apresenta a história como um teatro a ser recomposto e os fatos como cenas que podem ser montadas e desmontadas, feitas e refeitas, vistas e revistas; é a proposta de um grande passeio aos bastidores dos acontecimentos para que se possa compreender como e porque foi elaborado, como se deu a sua construção histórica, quais os caminhos e descaminhos enfrentados.

Desta forma, pensar a genealogia é entrar no "cemitério dos vivos", onde a memória representaria uma enxada - um instrumento para desenterrar os acontecimento passados. E assim encaminhar um verdadeiro processo de necropsia, que busca em corpos desfalecidos os motivos, as causas para compreender o que se passou antes da sua morte. A diferença está no fato de que na necropsia os corpos estão mortos e só poderão expressar aquilo que ficou registrado, marcado em seus próprios corpos. O que na genealogia é bastante diferente pois os corpos estão bastante vivos e podem expressar o que está marcado no seu corpo mais também o que está marcado em sua memória. E

desta forma eles podem recontar e reconstruir sua história a partir de suas várias lembranças.

A filosofia de Nietzsche como percebemos neste breve estudo é um instrumento fundamental para se compreender a história, subsidiando teoricamente para uma crítica radical a história oficial. A atualidade de seu pensamento estar no fato de que podemos cotidianamente ver essa luta de interesse, os jogos de disputa, onde hoje na comemoração dos 500 anos de Brasil temos a história dos grandes fatos, dos grandes homens, dos ricos palacetes, das jóias da coroa, na qual foi apresentada apenas um seletor da história que interessava aos poderosos. Cabe então a nós recompor esta história, mostrar os milhares de heróis que sobrevivem nas ruas sem roupa, sem trabalho, sem comida, sem casa, sem lazer, sem dignidade, sem nome e sem identidade. Não podemos compactuar com essa exterminação de seres humanos que são mortificados, que são calados, que são arrancados até o direito de existir.

Assim, poderemos compreender como é construída a história oficial, como são construídos os valores e nos instrumentalizar para a crítica, pois a disseminação de valores preconceituosos, machistas, racistas, sexistas é uma construção social que vem sendo imposta a sociedade contemporânea. É inadmissível aceitar que uma pessoa possa ser queimada por ser índio - como aconteceu em Brasília, ou devorada por cães por ser homossexual - no caso brutal acontecido numa praça de São Paulo, ou não poder frequentar uma escola por ser negro, ou ser espancada por ser mulher - como presenciávamos todos os dias nas delegacias de mulheres e muitos outros casos que ficam no anonimato.

Como podemos perceber Nietzsche está à frente do seu tempo, mas com o olhar direcionada para reconstruir o passado; assim, devemos nos tornar criança e deixar fluir a vontade de potência. Mais ainda devemos nos tornar pesquisadores supra-histórico para visitar os 500 anos de Brasil e contar a história da dona Maria, do seu Joaquim, da Severina, do João da venda, etc. e então recompor os diversos cenários e resgatar os diferentes personagens.

Com isso podemos ver claramente o prejuízo causado a história e ao homem que castrado de suas paixões, de seus desejos coloca a história a mercê de sua utilidade, inventando normas, conceitos a partir de seus interesses. Esta vontade exacerbada de verdade, uma vontade de verdade a qualquer preço - trouxe danos irreparáveis e custos imensuráveis, em que o homem paga até hoje com sua liberdade, com sua potência de criar, com sua própria felicidade ou até mesmo com sua própria vida.

Bibliografia

- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, pp. 15 - 37.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Para a genealogia da moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Considerações Extemporâneas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983c. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Genealogia da Moral - Uma Polêmica**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____. **Assim falou Zaratustra**. 3ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo ou Pessimismo**. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.